

Luís Fróis, *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão*. Edição de texto de Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Livros de Bordo, 2019, 149 pp., ISBN: 978-989-98908-8-6.

Esta edição do *Tratado* (1585), de Luís Fróis (1532-1597), autor da *História do Japão* (1585-1594)¹, é a primeira a ser publicada por uma editora comercial portuguesa, simultaneamente para o público geral e o académico, e preenche um vazio duradouro: uma edição acessível da referida obra, que é, como sabemos, um marco nas relações luso-nipónicas e na escrita de viagens mundial, bem como no âmbito dos estudos europeus sobre o Japão. O texto foi publicado em Portugal, pela primeira vez, em 1993, pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses (*Europa Japão: Um Diálogo Civilizacional no Século XVI*, ed. José Manuel Garcia, fixação de texto e notas de Raffaella D’Intino) e, posteriormente, em 2001, pelo Instituto Português do Oriente, em Macau, já com edição de texto de Rui Loureiro. A primeira publicação, de distribuição (quase) privada, está há muito esgotada, e a segunda é de difícil acesso em Portugal. O *Tratado* foi também traduzido para inglês, em 2004, por Robin D. Gill, e, em 2014, surgiu a primeira edição crítica inglesa, publicada por Richard K. Danford, Robin D. Gill e Daniel T. Reff (*The First European Description of Japan, 1585*, Routledge). O texto de Fróis é há muito, em Portugal, quer objecto de estudo de vários trabalhos, nomeadamente dissertações e teses, quer um tema ficcional, nomeadamente no romance histórico *O Samurai Negro* (2016), de João Paulo Oliveira e Costa, no qual Fróis é personagem histórica,

¹ O *Tratado* dialoga intertextualmente com o índice e com o capítulo primeiro da *História do Japão* (que apresenta uma história da missão do Japão), sendo ambas obras ímpares da japonologia europeia.

tal como os jovens embaixadores japoneses que, em 1582, partiram rumo à Europa.

Existem várias traduções japonesas, chinesas, francesas (1993, 2009, com prefácio de Claude Lévi-Strauss) e espanholas anotadas do tratado. Terminado no mês de Junho de 1585, em Katsusa (Canzusa, na ilha de Kyushu), durante o apogeu da missão (religiosa e comercial) jesuíta no Japão, o manuscrito do texto não contém qualquer título, o que talvez indique que a obra redigida, porventura com o apoio de Alessandro Valignano, não tivesse sido produzida para ser publicada, mas sobretudo para educar missionários; daí também o uso de inúmeros termos japoneses que não são traduzidos². Fróis tanto usa, amiúde, termos asiáticos, como traduz à letra vocábulos japoneses (p. 55), assumindo-se assim como tradutor cultural e linguístico.

Como é sabido, o manuscrito circulou no circuito restrito da Companhia de Jesus até ser publicado em meados do século XX, após ter sido ‘encontrado’, em 1949, na Real Academia da História, em Madrid, por Josef Franz Schütte, S. J., que publicou uma tradução alemã em 1955.

Na primeira linha do texto, lemos «tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças dos costumes entre a gente da Europa e esta província do Japão», um resumo sucinto do que o leitor poderá encontrar ao longo da obra. A narrativa é dividida em várias secções e ocupa-se de temas, problemáticas e traços culturais como: vestuário, arquitectura, armamento, urbanismo, música, usos e costumes, teatro, construção naval e navegação, educação de crianças, fauna (cavalos) e flora, arte da guerra, escrita e literatura, género (*gender*), medicina, religião e culinária, entre outros. O exercício de comparação intercultural entre a elite do Japão (“os japões”, “eles”) e as de Portugal e da Europa do Sul (“nós”, o público-leitor implícito na obra) elaborado ao longo de 14 capítulos é sobretudo descritivo, sem juízos de valor, e coloca os dois países ao mesmo nível, havendo igualdade entre ambas as culturas relativizadas. Fróis, que estava então há mais de 20 anos no Japão, evita a exotização desnecessária do Outro ao longo das mais de 600 entradas do tratado contrastivo, que Rui Loureiro e a editora Livros de Bordo disponibilizam agora em Portugal.

² A título de exemplo, referimos: *natsu katabira*, *bozu*, *dobuqu*, *tabi*, *wataboshi*, *kubo*, *bikuni*, *byoby*, *tatami*, *danna*, *kogai*, *naginata*, *kogatana*, *hyakusho*, *urushi*, *hishaku*, *Yechizen*, *makura*, *kana*, *waza to*, *hashira*, *shiki*, *chanoyu*, *zashiki*, *kaya*, *kakego*, *kotatsu*, *taray*, *dogus*, *catur*, *fune*, *caxi maxi*, *Supis*. O autor utiliza inclusive termos malaios como *galagala* (embarcação).

A curiosa e pioneira obra de Fróis é de fácil leitura e apresenta a cultura e o quotidiano nipónicos através do filtro selectivo (logo, do ponto de vista) de um missionário jesuíta luso do século XVI. De cariz proto-etnográfico, trata-se de uma obra ímpar em termos históricos e antropológicos, na qual o *Self* cultural se torna também Outro, através de um interessante e informado jogo de espelhos que se demora em inesperados e desconhecidos detalhes do quotidiano e do espectáculo da alteridade. O *Tratado*, decerto, ajudaria os missionários recém-chegados a familiarizarem-se com o Japão, esbateria choques culturais e permitir-lhes-ia olhar para a sua própria cultura e actividade religiosa através do ponto de vista dos japoneses, estratégia deveras útil no âmbito da missão; assim, por exemplo, no capítulo IX (“Das doenças, médicos e mezinhas”), Fróis esclarece: «entre nós queimam-se as postemas^[3] com fogo; os japões antes morrerão que usar dos nossos remédios ásperos da cirurgia» (p. 90); e descreve, na primeira entrada do segundo capítulo, a ausência de moralidade e carga religiosa entre as mulheres japonesas, no que diz respeito à virgindade e ao casamento.

Várias temáticas associadas ao género, à moral, à religião, ao estatuto social e religioso, ao comportamento adequado, aos costumes e às relações humanas vão sendo desenvolvidas de forma pragmática e neutral, cristalizando o documento vocábulos utilizados em Macau (derivados, por exemplo, do malaio), como *pinga*, e descrevendo hábitos e trabalhos femininos inaceitáveis na Europa (p. 44).

As três décadas em que o autor viveu no Japão (1562- 1597) permitiram-lhe observar directamente os japoneses, exercício aproximado ao trabalho de campo do actual etnógrafo, e partilhar, por escrito, as suas conclusões dessa ‘observação participante’, pautada pelo respeito, pela curiosidade, mas sobretudo pelo interesse em compreender os japoneses para mais facilmente os converter e facilitar a formação de um clero japonês, como também Valignano advogava; daí que o budismo seja das temáticas mais criticadas pelo religioso português. A comparação por (dis)semelhança é um artifício literário e uma ferramenta essencial na escrita de viagens, quer para comparar usos e costumes, fauna e flora, paisagens, aromas (*smellscape*) e sons (*soundscape*), quer para familiarizar o leitor europeu com objectos, produtos e seres estranhos que nunca viu, ouviu ou cheirou. Fróis regista, assim, as suas curiosidade e sabedoria de forma pragmática e utilitária ao

³ Abcessos com pus.

comparar a sua cultura de origem à japonesa, tarefa pautada (nem que implicitamente) pelas retórica e estética do espanto tolerante.

Rui Loureiro modernizou o texto do manuscrito, com revisão de Maria João Belchior, introduziu palavras entre parênteses rectos para esclarecer passagens menos claras ou suprir lapsos do manuscrito, conservou os termos japoneses usados pelo autor, alguns dos quais aporuguesados. Enriqueceu o *Tratado* com uma introdução útil ao público geral, paratexto que contextualiza a actividade do famoso missionário, escritor e japonólogo, com 218 notas de rodapé «que visam esclarecer todos os eventuais problemas de leitura com que um leitor não especializado se possa deparar» (p. 17), e com um informado e extenso glossário final (pp. 131-149), detendo-se ainda na produção da obra (história editorial) e concluindo (p. 16) que ela merece «bem uma nova edição, não só pelo seu valor intrínseco, enquanto documento verdadeiramente único sobre o diálogo civilizacional que no século XVI teve lugar entre a Europa e o Japão, como também pelo facto de não estar actualmente disponível nenhuma edição da obra em português, acessível ao leitor português não especializado»; este poderá, caso o entenda, descobrir muito sobre a história da cultura japonesa e da sua própria, lendo silêncios, comentários, mensagens e espanto, nas entrelinhas.

Rogério Miguel Puga
CETAPS e CHAM

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6198-6032>
rogerio.puga@fsh.unl.pt